

Erica Franceschini

# Para uso do estudante-pesquisador: leitura e porta-copos

Orientadora:  
Tania Mara Galli Fonseca

Design:  
Marco Antônio Müller Júnior

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.







CONSTELAÇÕES

ENSAIOS

ESCRITURAS

M  
A  
G  
G  
E  
N  
S

(seja o que for)  
(aonde for)  
(o que puder ser)  
(e o que não puder)

que esta seja uma boa leitura e, ao final,  
um ótimo porta-copos.

**Título** peixes-estrelas

**Data** sábado, o céu é prata pura

**Tamanho** 102 x 147 mm

**1. virgínia woolf.** Virgínia Woolf já ovacionava a evolução dos peixes, o modo de serem eles mesmos, o fato de não trabalharem ou chorarem. Ovacionava este instinto de cardume-constelação que os peixes, estrelas do mar, possuíam. Acima da superfície, o pescador sabia que bastava uma isca, aquela minhoca espetada no anzol para a sua captura. **2. peixe.** Peixe na água não tinha grandes exigências. Mas, fora dela, o peixe perdido de sua liberdade, olha deliberadamente para seu predador, não exprime medo, não exprime nada, permanece olhando e realizando o movimento de nado, mesmo sem nadar. **3. predador.** Do outro lado, o predador sabe que mais cedo ou mais tarde, ao peixe faltará ar, finalizando o espetáculo de sua caça. No entanto, o peixe persiste, buscando retomar o fôlego daquilo que resta de sua vida, de seu corpo prateado, envolto de escamas, um pouco arredondado, achatado, o peixe, este corpo que tem a profundidade como morada. **4. estudante-pesquisador.** Assim como o peixe, o estudante-pesquisador tem gosto pelas águas e luta nas superfícies. Sua existência é aquática: no encontro com o fora, a necessidade de retomar o fôlego. Contudo, não é todo dia que o estudante-pesquisador permanece nas profundezas. **5. constelações.** Aos sábados, quando os corpos prateados se amontoam, desenhando novas constelações de bolhas, o estudante-pesquisador sobe à superfície e pesca, joga sua isca, olha para o peixe e depois o come. **6. antropófago.** O estudante-pesquisador é predador, antropófago das palavras nadadeiras, mas, ao mesmo tempo, é peixe, é palavra-estrela.



Título                   papo fiado e lápis afiado

---

Data                     agora, em um domingo qualquer

---

Tamanho                102 x 88 mm

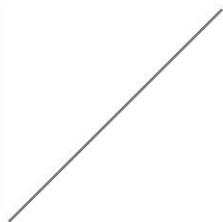
1. **estudo.** 2. **pesquisa.** É sobre estudo e pesquisa. Mas, não uma história do estudo ou do estudante, da pesquisa ou do pesquisador. Ao mesmo tempo, é um pouco disso tudo. 3. **restos.** E mais ressonâncias e sussurros que se interpenetram na cena, como restos daquelas conversas jogadas fora numa mesa de bar. 4. **Instante.** Entre uma dose e outra, o pequeno espaço de tempo que os separa e os junta, colocando-os frente a frente e até mesmo, lado a lado, é o mínimo instante possível que lhes resta para beber alguma coisa. 5. **tagarelas.** Tagarelam, e, com as cabeças fervilhando, requisitam um refresco. Pedem mais alguma coisa pra beber e se diluem na liquidez do seu encontro. 6. **papo fiado.** Estudo e pesquisa é puro papo fiado: quem disse aquela frase? Quem sabe sobre este tema? Se isto importa ou não, tudo é uma questão de afiar a ponta do lápis. 7. **lápis afiado.** Será que ele – o lápis – está suficientemente vivo pra suportar a gravidade do destino da escritura?



Título o fracasso e a ínfima passagem

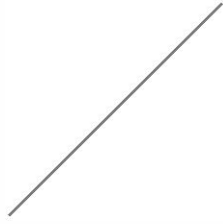
Data 27 de março, de causar arrepios

Tamanho 102 x 110 mm



**1. tropeçar.** O estudante-pesquisador tropeça, provavelmente, diante da dúvida do tema que ainda não chegou. **2. perguntas.** Ele se pergunta: o que é tradição literária? Para que serve o artigo científico? Tropeça nas respostas que cada vez mais lhe parecem absurdas, pra quê saber? Abandonado em si mesmo, ele aguarda a peça de teatro começar com a ideia de que, talvez ali, diante das cortinas cerradas, encontre a inspiração que o aflige. Porém, não devemos esquecer, ele tropeça. **3. busca.** É quase impossível, para ele, a busca por uma cadeira, estofada e confortável, na qual ele poderia se deleitar em descanso. **4. fracasso.** O estudante-pesquisador permanece no chão, no fim de seu tropeço, onde não consegue vislumbrar o poeta e as cortinas cerradas e a expressão de um devir que se afasta e se esconde entre as cadeiras derrubadas pelo seu tropeço. Não há descanso nem tema para o estudante-pesquisador. É preciso varrer o chão de sua angústia que ilustra este fracasso: o de caminhar. **5. ínfima passagem.** Mal sabe ele que, entre as cadeiras, as luzes, as cortinas cerradas há uma via de passagem. Uma via, diga-se de passagem. Tão ínfima que é necessário tropeçar.

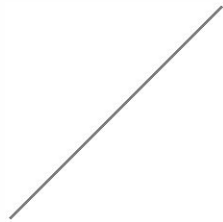




Título praça deserta dos sentidos

Data descubra o dia, às 10 horas da manhã

Tamanho 102 x 73 mm



**1. adivinhar.** É disso que ele gosta, de adivinhações. Perguntas e respostas. Muito mais das perguntas. Respostas são difíceis de encontrar. Ele gosta tanto das perguntas que não cabem aqui os pontos de interrogaçãoes. **2. problemas.** São os tais problemas, perguntas-problemas que o cercam em contraste com a imagem incapacitada do dizer. **3. sentidos.** O que pode ser dito vem entre aspas e o que se esquece é retido pela inquietude dos sentidos. Dos não-sentidos. De sentir. Quem me dera se pudéssemos adivinhar aquela charada. **4. deserto.** Mas... Haveria uma praça deserta onde vivem os polvos com todos os seus braços, segurando nossas dúvidas. Diga-me o caminho, mas antes, me conte algo de que não sei e então, terei todo um mundo pra desbravar.



Título fantasmas

---

Data depois de um encontro no Ateliê  
de Escrita, quarta-feira

---

Tamanho 102 x 129 mm



**1. escrever.** Indo em direção ao prédio, o estudante-pesquisador aceita a sugestão da vida e encara imediatamente o futuro. Ele passa horas intermináveis desejando voltar pra casa e escrever algo, enquanto escreve para alguém. **2. pesquisa.** Essa tal de pesquisa lhe consome como uma sanguessuga ignorada na pele, ao mesmo tempo em que o mantém vivo como uma engrenagem necessária para seu frágil vigor. **3. fantasmas.** Quase sem sangue, ele se encontra com os fantasmas que acenam, conversam e quando se retiram do prédio, se despedem. Só então, ele se dá conta de ser só pele e osso, e um pouco de carne. Porém, diante do assombro, ele não quer saber de retomar o seu corpo, mas apenas deseja resgatar o seu sangue para fazê-lo tinta. E ele corre, atravessando paredes e assustando os passantes. **4. travessia.** Diante do futuro, à mercê das horas e do tempo que finda, o estudante-pesquisador sente que nunca terminará sua travessia e atravessa as noites tentando fugir do derradeiro inferno dos prazos. Todo este esforço pelo motivo de querer ser um aventureiro nas trilhas do estudo. Assim, aos olhos dos outros, o estudante-pesquisador é da família dos terrores, estes que vagam pelas noites profundas e de uma espécie que poucos ousam chegar perto. Pois, havemos de convir, ainda são estranhas as histórias daqueles que tomaram café com fantasmas ou dormiram de olhos arregalados e, ainda assim, sobreviveram.

Título

molho de tomate

Data

no almoço, ao meio-dia

Tamanho

102 x 36 mm



Título tempos-agora e a ampulheta de areia

Data madrugada, 4 horas e 10 minutos

Tamanho 117 x 100 mm

Título

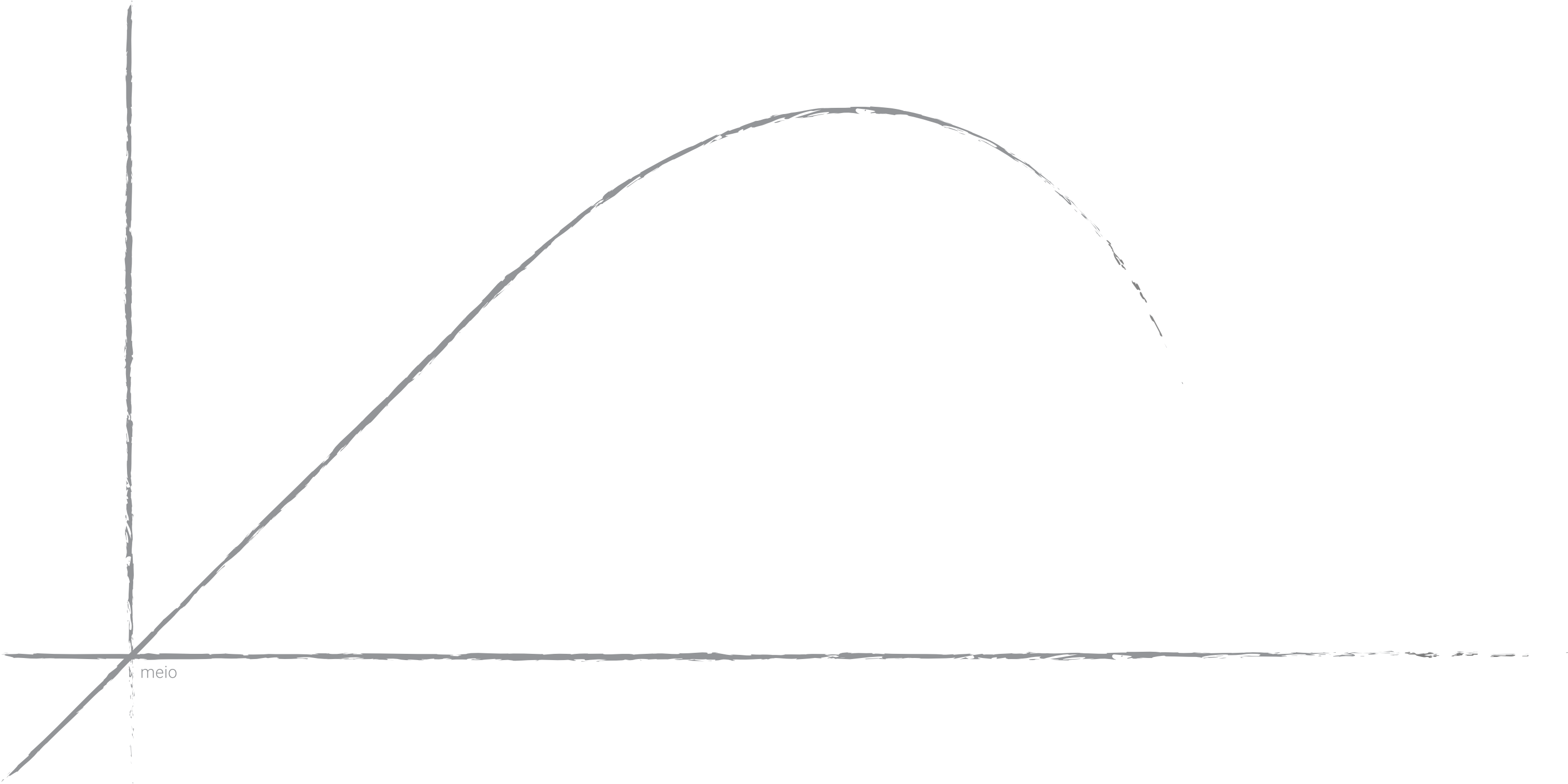
movimentos nômades

Data

terça-feira, caminhando

Tamanho

101 x 100 mm



meio

Título bestiário

---

Data em um passado não tão distante, sexta-feira

---

Tamanho 100 x 90 mm

**1. esquecimento.** A pesquisa era um ilustre monstro que vivia na longínqua floresta do esquecimento. Durante séculos, magos e feiticeiros leram muitos livros e criaram inúmeras poções, fórmulas e prescrições para tentar encontrá-la. Muitos a encontraram, outros, não. A questão é que, por não esquecerem, acabavam sendo capturados pela pesquisa e nada mais podia ser feito. **2. catações.** Até que um dia, o estudo catou, em diferentes reinos, uma série de monstruosidades: elefantes do tamanho de formigas, imperadores despreparados, sereias vivendo na terra, moscas usando vestidos, chaleiras cantando jazz, etc. e ofertou à pesquisa o que ela ainda não havia experimentado: a fantasia. **3. imaginar. 4. fantasiar.** Pesquisa ficou encantada com a imaginação criando e, desde então, pesquisa e estudo subvertem os limites da ordenação, num jogo de classificações imprevisíveis, colecionando fragmentos e criaturas fantásticas.

Título coleções

Data das 22 horas e 29 minutos  
às 22 horas e 43 minutos

Tamanho 131 x 78 mm

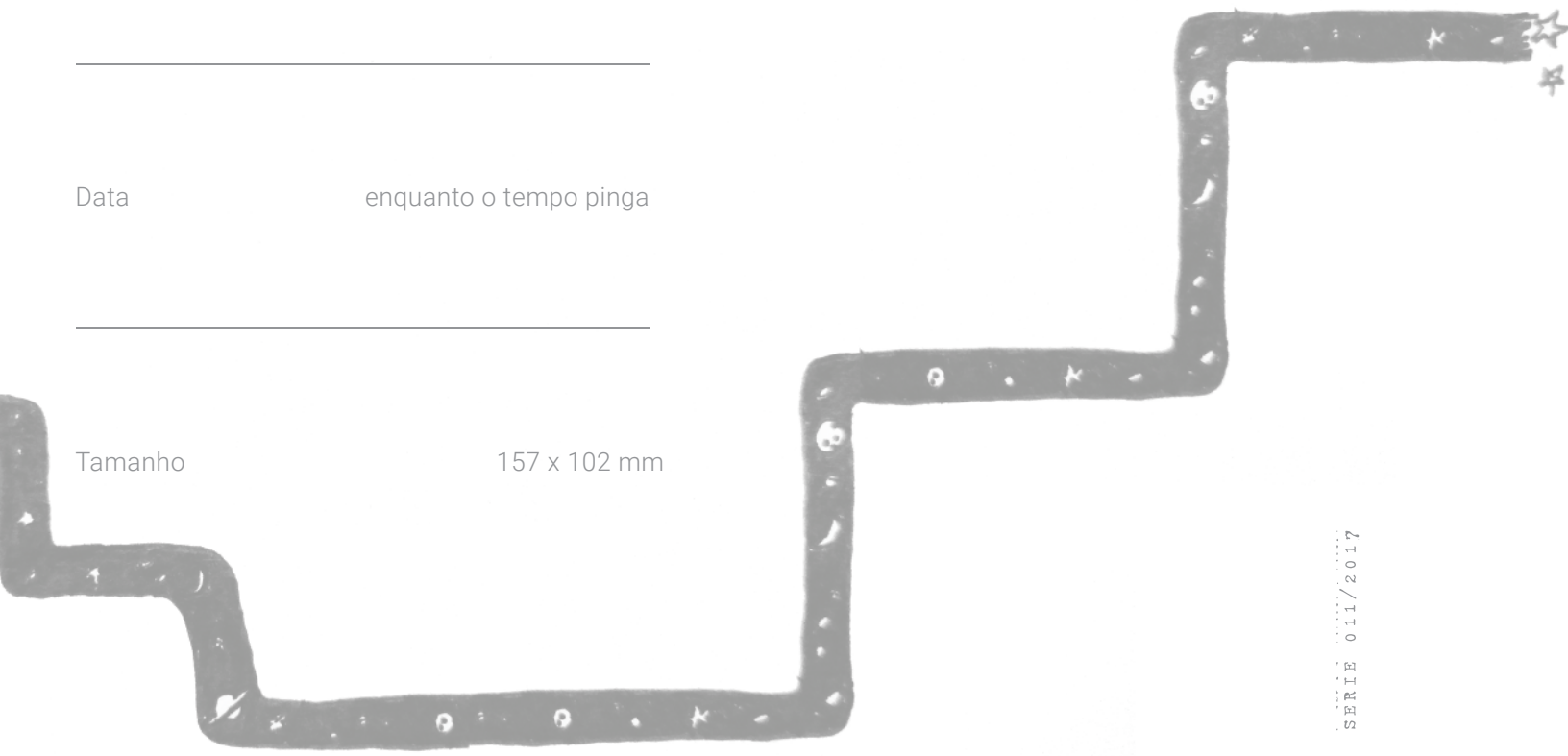
**1. coleção.** E o que o estudante-pesquisador coleciona? Palavras, textos, margens, cantos, sons, silêncios, citações, pontos, aspas, espaços, referências, autores, poesias, poemas, matérias, imateriais, transcrições, trechos, roteiros, argumentos, objetivos, assuntos, métodos, obras, publicações, artigos, passagens, recortes, metáforas, analogias, alegorias, imagens, títulos, subtítulos, números, páginas, papéis, folhas, impressões, inscrições, nomes, pseudônimos, documentos, signos, frases, leituras, escritas, narrativas, substantivos, substâncias, objetos, filmes, personagens, sentidos, anotações, discursos, vazios, diários, tempos, paradigmas, distrações, pinturas, cartas, histórias, perguntas, livros, entrevistas, explicações, linhas, experiências, arquivos, desenhos, testemunhos, conhecimentos, estranhamentos, pensamentos, memórias, criações, plurais.



Título goteiras da escrita

Data enquanto o tempo pinga

Tamanho 157 x 102 mm



SÉRIE 011/2017

**1. goteiras.** Goteiras são adoradas por estudantes-pesquisadores que cultivam certo fascínio pelos pingos que despencam lentamente e por aqueles pequenos depósitos de água que vão se formando no chão, deformados a cada nova gotinha que cai. **2. tempo.** As goteiras inventam uma espécie de tempo ao estudante-pesquisador, não um tempo natural e cronológico, mas sim o tempo de parar, de trazer a gota ao mundo, outrora guardada pela segurança do registro do encanamento – a placenta. **3. dores.** Mas, eis que o registro estoura e, então, podem ser sentidas todas as dores: as cólicas, as contrações, o incômodo da coluna, o suor, que cessam apenas no instante em que algo nasce, que a escrita surge, que a goteira revela sua gota.

**4. trabalho.** Isto tudo, depois de um trabalho árduo e lento, porém, sonoro e transformador. Neste sentido, compreendemos que, para o estudante-pesquisador, a escrita não se constitui em uma atividade natural, muito menos automática, assim como não é a chuva. **5. chuva.** Para formar a chuva, foi necessário todo o esforço de múltiplos fenômenos: a preparação do solo, a madrugada serena, a formação do orvalho nas folhas, a espera pelo sol, a evaporação que carregou as gotas em outro estado ao céu, a construção das nuvens, a mudança de cor do céu, a vinda do relâmpago que funciona como uma descarga de palavras postas no papel, logo recolhidas. **6. duração.** E então, vem a chuva e a escrita, que, assim como a goteira, duram, até que houver água no encanamento. Quando o cano seca é o momento em que a goteira faz uma pausa, alguém enxuga as poças, há silêncio. No entanto, é só chegar a sede e uma mãozinha que gira a torneira, reabrindo-a, para o cano novamente se encher de água e a goteira reiniciar seu processo, assim como a escrita, por gotinhas.

Título invisível amarelo fluorescente

---

Data sábado, está chovendo lá fora

---

Tamanho 100 x 52 mm

**1. não-saber.** O estudante-pesquisador não sabe. Ele pergunta. Convoca pontos de interrogações infinitos enquanto lê, fazendo anotações em livros, cadernos, bloquinhos e folhas soltas que, facilmente, são perdidas, para lembrar de perguntar aquilo que seu lápis, caneta ou marca-texto amarelo fluorescente destacou.

**2. ler.** Todavia, para o estudante-pesquisador, destaque mesmo é quando ele consegue ler o que não pode ser apontado, marcado ou anotado. Destaque, para ele, é aprender a ler o invisível.

Título pergunta de corpo em um fundo infinito

---

Data quinta-feira, trêmula

---

Tamanho 113 x 100 mm

**1. perguntar.** E quanto mais o estudante-pesquisador pergunta, mais as palavras ensaiam um novo começo de estudo. E outro. E outro mais. Até que a pergunta se torne outra, feito outra intrigante e persistente sensação de que, depois de tudo isso, outras mais virão. Às vezes, as perguntas vêm em grupo, densas e indecentes desejando desnudar as vogais e consoantes até descobrir o que há debaixo da pele, da fibra, do signo. Sozinhas, também ambicionam a carne, o osso, o corpo. De modo geral, perguntas carregam o ônus enriquecedor de não saber e de, talvez, nunca descobrir. É enfadonho sim, mas, é indispensável ao estudante-pesquisador aglutinar-se às perguntas, uma vez que elas criam pés, fazem o motor funcionar, geram a fumaça que cega o ambiente, inebriando com o cheiro de que algo está acontecendo. Este cheiro de pele necrosada e de unhas arrancadas. **2. corpo.** Perguntar desfaz o corpo, ao mesmo tempo em que conduz o corpo da pesquisa. Dá forma, disforma, performa. E enfrenta a porta fechada, colocando a chave na fechadura, como se este corpo nunca tivesse sido seu, um corpo desconhecido, que não é passível de tornar-se posse. Ficou pergunta.



Título ao corpo

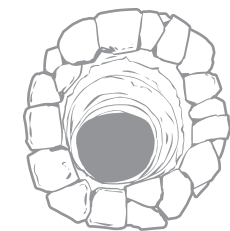
---

Data segunda-feira, desmembrada

---

Tamanho 100 x 25 mm

**1. corpo.** Do abandono daquilo que nos forma e estrutura:  
como o estudante-pesquisador cria para si um corpo sem órgãos?  
E como fazer deste corpo, uma matéria fluída, líquida e intensiva?



Título solicitação por um corpo

---

Data Porto Alegre, 07 de abril de 2017

---

Tamanho 100 x 36 mm

**1. corpo.** Excelentíssimo Sr. Qualquer um. Solicita-se, por meio deste ofício, um corpo. Mesmo que disforme, mesmo que doente, um corpo qualquer que faça essa joça ter pele e unhas e pelo menos um olho na nádega para saber aonde senta.  
Atenciosamente: o estudante-pesquisador.

Título                    uma pausa para a solidão

---

Data                      há duas horas, duas lacunas

---

Tamanho                    100 x 25 mm

**1. estudante-pesquisador.** Devemos saber, desde sempre, que o estudante-pesquisador é um tipo solitário que aprecia a escrita e a leitura por pedacinhos, uma vez que cada fragmento é povoado pela solidão que o acompanha e que inventa para ele uma língua transparente, não porque clara, mas porque instável e falha, cheia de gagueiras. **2. solidão.** Esta solidão, inquietante e assustadora, produtora de línguas, faca de dois gumes: enquanto retira o estudante-pesquisador do mundo, também o prende ao gesto atônito de voltar-se para dentro. Nesta posição que o envelope e o liberta, ele compreende que leituras e escritas não são possíveis se não houver, pelo menos, um átimo de isolamento, a busca por um refúgio que abrigue o silêncio, a lentidão, os riscos, a coluna encurvada. E, calhamaços de papéis que vêm, sorrateiramente, como uma grande onda de palavras. Ali, neste lugar-refúgio, o estudante-pesquisador se acomoda, olha ao redor, produz interrupções, intervalos e fuma, incessantemente. Com o cigarro entre os dedos e o olhar distante, o estudante-pesquisador vai tragando e a cada vez que traga defende a solidão em que está. Diante do papel em branco, ele insiste nos contornos transparentes.

Título cinza-estudo

---

Data inverno

---

Tamanho 100 x 85 mm

**1. estudo.** O estudo é cinza, cinza-mármore, cinza-cimento, cinza-céu-nublado, apresentando suas variações, de acordo com a música que toca ao fundo. Se tocar rock, cinza-chumbo; folk, cinza-sépia; Debussy, cinza-elefante. **2. cinza.** O cinza musical que compõe o estudo tem um quê de pintura, mas também de melodia, de expressão, de Paul Klee – velho artesão de notas. Entre-tempos, o cinza do estudo não faz nem sol nem chuva, nem preto nem branco, mas, faz a tinta guache se esparramar no papel branco indo ao encontro das margens em múltiplas direções, como pequenas veias se formando de um corpo-escuridão. Por sua vez, a tinta que cai, o vento que sopra, são as condições para que alguma obra se faça e seja índice de um cinza-neutro. **3. sombras.** Jogo de sombras: esconder-se dos extremos e seguir pintando.

Título diário itinerante

---

Data ontem, amarelo queimado

---

Tamanho 130 x 100 mm

**1. diário.** O diário íntimo do estudante-pesquisador é uma pequena caderneta, meio amarelada, encontrada numa estante velha na casa da avó, que está submetido ao calendário por uma data colocada no cantinho da página para contar, metodicamente, os dias escritos e os que passaram em branco. Os dias escritos são empilhados por palavras, mas, também por notas de supermercado, de tickets do cinema, de folhas secas recolhidas dos passeios à tarde no inverno. **2. experiência.** Nestes dias, ele conserva o hábito amarelo antigo, de juntar tudo o que encontra e cada experiência que vive e, quando de regresso ao seu quarto, monta os quadros e as narrativas em pequenos painéis, buscando, em meio ao caos, uma ideia que possa salvar sua dissertação, guardada há pelo menos dois anos nos arquivos esquecidos de seu acervo. **3. leitura.** Por outro lado, os dias que passaram em branco, são aqueles que o estudante-pesquisador coloca algodão nos ouvidos, estende suas pernas na poltrona, veste o chambre branco e adentra a noite gélida, em seu quarto, para ler sua própria intimidade escrita no diário, que o faz esquecer as ideias nos painéis estendidos e retomar o fôlego, respirando cada bactéria que se proliferou dentro dos livros. Se ninguém visse, ele era até capaz de dançar e, se alguém perguntasse, ele apenas respondia que tirou o dia de folga.

Título adesivos na janela

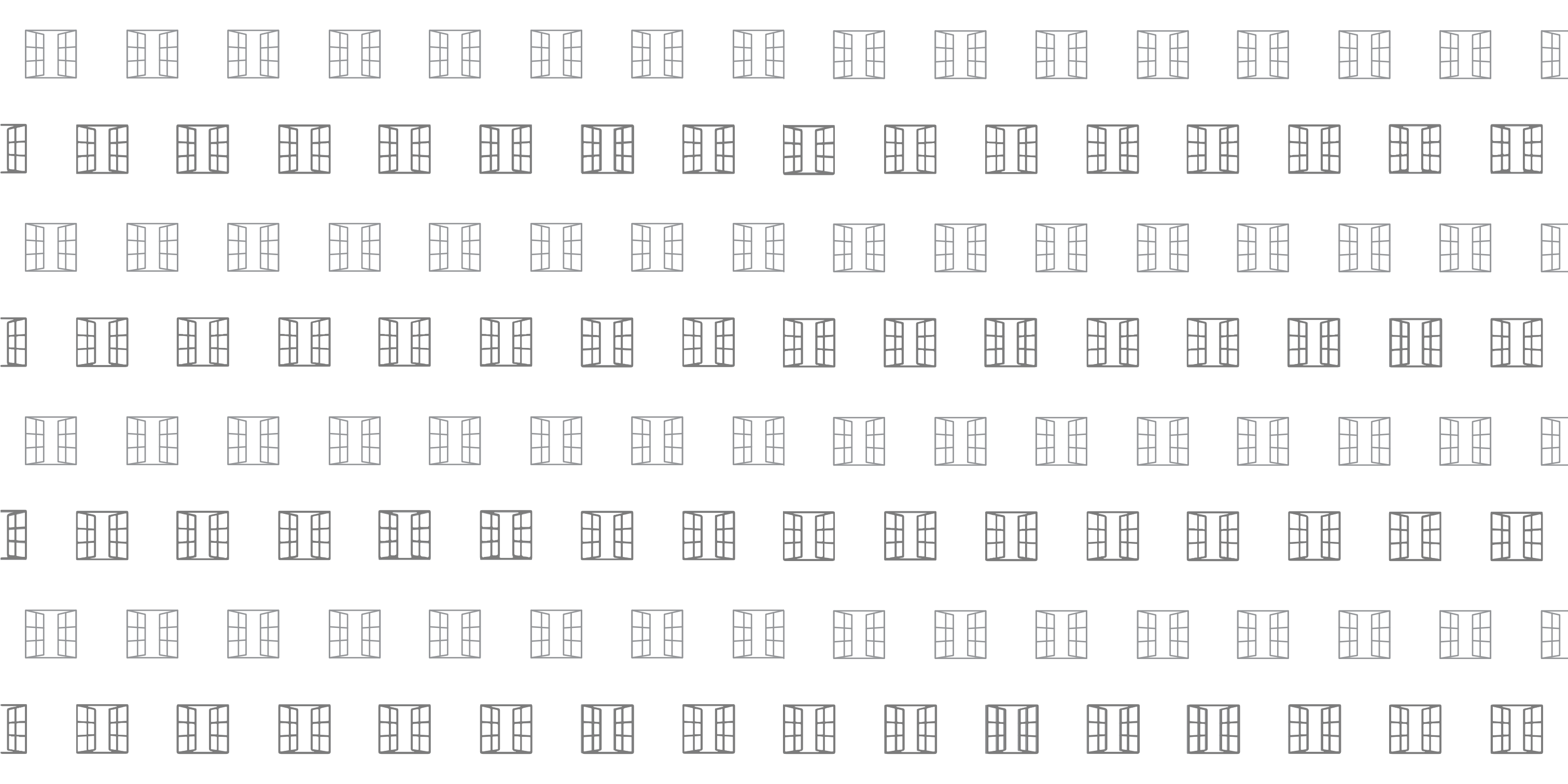
---

Data setembro, jardim florescendo

---

Tamanho 157 x 112 mm

**1. janela.** Portas trancadas, uma janela voltada para o jardim. Os vidros exibem uma coleção de adesivos acumulados durante sua infância. Ela ri. Acha graça de tudo o que juntou durante este tempo: os adesivos, as pedrinhas, o braço quebrado. Uma imagem, em particular, lhe chama atenção. **2. criança.** Trata-se do adesivo representando uma criança encoberta por uma pilha de livros. A criança com o cabelo curto e amarelo e os livros todos coloridos, sem contornos; bem abaixo, o nome da editora. Ela lembra que retirou este adesivo do seu livro do segundo ano da escola e que colou ali, não porque achou bonito, mas, simplesmente, porque queria embrulhar o vidro com imagens. **3. imagens.** Da mesma maneira, se agora esta imagem lhe prende, não é porque ela passou a achá-la bonita, mas, por lhe fazer lembrar o tempo em que, para ela, os livros continham uma energia vital, como se tivessem sido escritos em 3D, fora da tela, diante de seus olhos. **4. livros.** Naquele tempo, os livros tinham o poder de fazê-la viver histórias, sem contornos; de entrar nos quadradinhos dos gibis; de conversar com as revistas; de desenhar com as ilustrações em papel de seda, bem fininho, quase rasgando a página. Agora, já adulta, os livros pareciam ter perdido seu entusiasmo, com apenas alguns gráficos ilustrados que parecem técnicos demais pra transformá-la em um personagem. Ela engasga. Aonde teriam ficado as escritas dançantes? A magia? O antropomorfismo? Ela fica intrigada e aceita que seu tamanho encobriu a capacidade de imaginar, levando-a a um fundo, o qual, somente uma mãozinha pequena de criança, de cabelo curto e amarelo, poderia alcançar. Decidiu descolar o adesivo da janela, colocá-lo em cima da mesa, ao lado dos livros, e fechar os olhos. **5. fora.** Ela permaneceu ali, até que a janela se abriu, fazendo voar a imagem para fora. Tentando acompanhar o voo da criança, ela pôs a cabeça no parapeito, entre seu quarto e o céu, e, de repente, voltou a ver os livros dançando no jardim.



Título amizades

---

Data sempre, entre o pó

---

Tamanho 135 x 100 mm

**1. biblioteca.** Na biblioteca, um livro se avizinha a outro livro. Colocados lado a lado pela mão do estudante-pesquisador, às vezes eles somem, caem no fundo da estante, mantendo em seu interior cada solidão publicada. Os livros expostos permanecem ali, aguardando seu tempo para serem abertos ou para serem espanados. **2. amizade.** Lado a lado, eles não foram posicionados na estante através de uma lógica bem definida, mas, ao acaso, de acordo com o grau de amizade estabelecido: entre um livro e outro, entre o livro e o estudante-pesquisador. Cada livro é como um amigo para outro livro, enquanto o leitor solitário também encontra nos livros, uma solidão amiga. Deleuze disse, certa vez, que tornar-se amigo de alguém é uma questão de percepção, ou seja, de perceber os movimentos, acolhê-los, decifrá-los e ofertar novos signos. Amizade também é feita de pequenos encontros: uma capa, o formato da letra, a organização de cada capítulo e, principalmente, pelos afetos que ela compõe. **3. afetos.** Tornar-se amigo, então, tem a ver com uma capacidade sensível, de captar as forças daquele grau de potência, bem como, de adentrar no mistério que envolve a construção dos afetos que, por serem invisíveis e silenciosos, reiteram as contradições barulhentas entre um amigo e outro. Amizade: exercício necessário para as andanças do pensamento.



Título                   diante da escrivaninha

---

Data                     durante um dia marrom

---

Tamanho                152 x 120 mm

**1. escrivaninha.** Em sua escrivaninha o estudante-pesquisador estuda.

**2. estudante-pesquisador.** Como São Jerônimo, o estudante-pesquisador se envolve em leituras e escritas que se agitam no pequeno espaço de madeira marrom-castanho, feito de jacarandá, envernizado, concreto e resistente. Em cima da escrivaninha, quase oculta no quarto escuro, os objetos postos em contato com a madeira, passam a fabricar uma espécie de brilho, meio tímido, ínfimo, frágil, porém, um brilho possível. Em meio aos pequenos focos resplandecentes de luz, a escrivaninha se prepara para receber os fragmentos, os tinteiros, os pedaços de papel junto aos pedaços de ideias, misturando-se com a sua superfície que incrusta a escrita de pequenas farpas na pele, rasgando os dedos delicados. Diante do corte, eis que algo se modifica, se contagia, se fere, provocando o estudante-pesquisador a durar neste espaço, neste lugar reservado aos seus atrevimentos. **3. lugar.** A escrivaninha-objeto é, por conseguinte, um precioso instrumento para o estudante-pesquisador que, no quarto, no escritório ou na biblioteca, a posiciona da melhor maneira – onde haja um pouco de luz natural – mas também, onde a escuridão penetre. Além disso, são avaliadas as condições do vento, atentando para que ele não deixe voar as penas, mas, que se arrisque a alguns sopros. Um lugar, inclusive, com pouca umidade, de maneira que as traças não se proliferem, ao mesmo tempo, um lugar onde a poeira possa se amontoar. **4. cupins.** Uma escrivaninha, devemos saber, dificilmente se livra dos cupins, cabendo ao estudante-pesquisador combatê-los. Grudados à madeira, fabricando seus ninhos, os cupins resistem e só podem ser capturados com armadilhas que o façam persistir como fontes de inspiração. O cupim, este estranho que invade o território e se alimenta de madeira é também alimento ao conhecimento, este que antes de tudo, é uma superfície lisa toda cheia de furinhos.

Título incessante madrugada

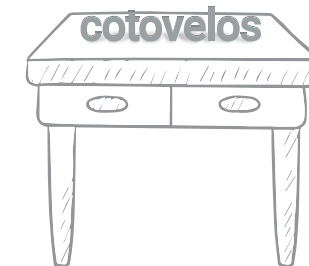
---

Data uma noite gelada

---

Tamanho 100 x 92 mm

**1. madrugada.** A madrugada é cúmplice do estudante-pesquisador. Ela, pele escura do céu, favorece as fugas – multiplicadoras de direções – para deixar as mãos encontrarem repouso na ponta do lápis. **2. máquina de escrever.** Às vezes, o estudante-pesquisador é acolhido por uma máquina de escrever que facilita o processo, uma maquininha velha que corta o silêncio da noite. **3. escrivaninha.** **4. apetrechos.** Ademais, há sempre uma escrivaninha – até mesmo quando se está ao ar livre – onde é possível guardar os mantimentos – uns apetrechos que servem à escrita – que logo ao amanhecer são abocanhados pelo dia. **5. recomeçar.** Por isso, a cada noite, é necessário recomeçar, sempre, adentrando na madrugada, adentrando a serenidade que a madrugada silenciosa proporciona e que assola o estudante-pesquisador porque, a cada recomeço, lembramos que, pelo menos, há uma escrivaninha, aonde se pode apoiar os cotovelos.



Título                   apetrechos da escrita

---

Data                    recomeçando, ao amanhecer

---

Tamanho               151 x 116 mm

**1. apetrechos.** Uns, não todos. Guardados na escrivaninha, -trechos, percursos feitos -a pé: ape-trechos. **2. escrita.** Sem utilidade aos pés da escrivaninha, a escrita serve muito bem aos tornozelos que, entre os pés e os joelhos, traça um meio no qual se escreve. Na abertura que leva ao infinito da escrivaninha, em um ângulo de 45°, abre-se a gaveta onde está guardado o material que opera o fora da escrita, a despedaça, faz-se pedaços dispersos. Nos calhamaços de papéis, a borracha tenta apagar as cicatrizes, mas já é tarde demais: nos infinitos recomeços, carregamos o látex nos dedos que nos incriminam e que incriminam o estudante-pesquisador. **3. fundo.** No fundo, desejamos encontrar um mar de ideias, mas há apenas uma ínfima superfície: esta escrivaninha velha, cheia de cortes, revira o fundo. Feita mala, a levamos de um lado para o outro. Nela estão contidos:

- um buraco para ser cavado: hábitat dos vazios;
- grafites esfarelados: útil aos vestígios;
- montes de areia: para trilhar rastros;
- uma vitrola pequenininha: que cantarola silêncios;
- um pincel manchado: manchando a si mesmo;
- fitas enroladas de filmes: se fazendo agora;
- quilométricos pensamentos: perdidos;
- notas compostas: que se distraem;
- palavras grafadas: ouvindo ressonâncias;
- cantos escondidos: onde dormem os pormenores;
- movimentos: aperto o play.

**4. amanhecer.** E ao amanhecer, vem o dia e abocanha tudo isso. Algumas horas depois, de cotovelos na escrivaninha, o estudante-pesquisador já não sabe o que irá encontrar. **5. recomeço.** Então, ele recomeça, para olhar o que eu ainda não vi.



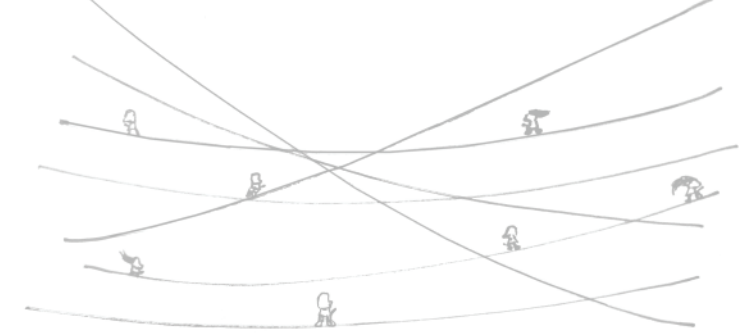
Título deslocar, desviar

---

Data feriado, com cheiro de mofo

---

Tamanho 100 x 80 mm



**1. deslocamentos.** É necessário, lembremos, nos deslocar. Sair da zona de conforto, inventar um novo espaço, feito por linhas entrecortadas, entrelinhas, linhas desiguais que constituem um outro risco ao estudante-pesquisador. Pegar a caneta de outro modo, virar o papel em outra direção, dobrar as margens para criar outro fora, sublinhar uma palavra que ainda não foi inventada.

**2. desvios.** Deslocar-se, dessa maneira, não significa apenas sair do lugar, mas, principalmente, desviar-se, o que nos impulsiona a percorrer ruas que estão fora do roteiro e que não foram indicadas no mapa, ruas que fabricamos enquanto fabricamos nosso próprio mapa. Quando o estudante-pesquisador se desloca, toda a paisagem se move com ele, desviando-se das já conhecidas *highways*, em direção ao infinito.

Título afundar o navio

---

Data tempo marítimo

---

Tamanho 106 x 100 mm

**1. estudo.** O estudo é recheado de curvas, de digressões, involução. Ele pode ser profundo, penetrante, imenso, contudo, ainda inclina-se às superfícies e abismos. Submergir, abismar: o estudo é imprevisível, indissociável de uma travessia perigosa, onde palavras e frases são talhadas para deslizar pela parede lisa da imensidão. **2. navegar.** Sem bússola, o estudante-pesquisador se arrisca, veste seu chapéu de pirata e cruza os mares, afunda o seu navio e retorna à superfície abismado com as algas que, agora, revestem o casco, a proa, as velas. Abismado por ter retornado, por não ter se afogado entre as pedras submarinas que resguardam a areia no fundo do mar e por ter feito deste naufrágio uma experiência. De tudo isto, ele descobre que é preciso navegar, é preciso se lançar às águas traiçoeiras da multiplicidade, dos caminhos múltiplos do estudo, das ondas que fazem ressoar o canto da sereia. Escutar a sereia e não sucumbir, fazer do canto também um percurso, uma voz que remete à terra, à questão de poder colocar os pés novamente na areia, mesmo perdendo-se das arraias. Inventar um mar na superfície, inventar um cardume fora d'água.

Título em pedras

---

Data segunda-feira, 35 graus e uma chuvarada

---

Tamanho 102 x 74 mm

**1. recursos.** Os recursos que o estudante-pesquisador demanda para suas atividades, não são dados a ele previamente, bem como, não são comprados em uma loja de conveniência, nem em papelarias. Os recursos que importam ao estudante-pesquisador são construídos e lapidados como pedras cruas, recém encontradas no fundo da caverna e que aguardam o encontro com o martelo do escultor, este que insiste em rachar a sua dura superfície. **2. escultor.** Com a intenção de deixar vir à tona, ou seja, de trazer para fora de sua rocha, o escultor-estudante-pesquisador trabalha arduamente debaixo do sol e à mercê das chuvas, experimentando, por diferentes tentativas, compor uma forma mínima, apresentada como aquilo que foi retirado deste informe.

Título fracassar melhor

---

Data amanhã, pode ser

---

Tamanho 100 x 68 mm

**1. estudante-pesquisador.** O estudante-pesquisador estuda e pesquisa somente para tentar, de alguma maneira, chegar a determinado lugar, atingir um ponto, conquistar algo, contudo, isto nem sempre é possível. Às vezes, ele se lança aos jogos linguísticos, dos quais dificilmente consegue sair, em outras, se detém numa leitura, deparando-se com a impossibilidade de realizá-la. **2. fracasso.** Diante disso, ele percebe que o fracasso o acompanha, mantendo a linha sempre adiante, onde as conquistas já não são necessárias e são sentidas como pequenas lutas cotidianas, nas quais, ninguém pode ser proclamado vencedor, levando-se em conta que é o fracasso mesmo que torna a linha de chegada inalcançável.

Título placenta virtual

---

Data 2017, cósmico

---

Tamanho 123 x 100 mm

**1. computador.** Deleita-se em mansidão, aquele que tiver, disponível para si, um computador. Não é difícil o manuseio da máquina, para aquele que está acostumado aos logaritmos e ao Word Office. **2. arquivos.** Ali, onde os arquivos seguem certo rigor, são apresentados em uma letra regular, sempre igual, de tamanho 12, a cor automática, enquanto a escrita é cantada pelo toque do teclado e os cliques do mouse. Ali, em um documento justificado – margens definidas, parágrafo 1 cm, espaço entre linhas 1,5 cm – os textos vão ganhando vida no monitor, pelo movimento de aparecer e desaparecer do cursor que se desloca, indefinidamente, pelo texto. **3. impressão.** Depois disso, o virtual se torna palpável através da impressão. Para tanto, uma impressora é acoplada à máquina-computador, fazendo com que duas máquinas operem a maquinaria da escrita. **4. movimento.** Na impressão, um papel de dentro vem para fora, movimento análogo à construção de narrativas, fragmentos, ensaios, à invenção da escrita, mesmo em seu compartimento virtual. De dentro pra fora, podendo retornar para dentro via scanner. É como Clarice Lispector nos apresenta em sua *Água Viva*: a gata que, após parir, come sua própria placenta e, durante quatro dias, não necessita comer mais nada. Só depois é que toma leite.





Título

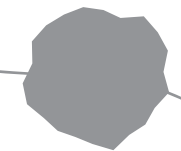
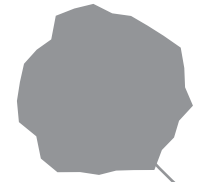
apaixonado

Data

eternidade

Tamanho

82 x 18 mm



1. **paixão.** Padecer de paixão: eis um mal do qual sofre o estudante-pesquisador.

SÉRIE 030/2017

Título

varal

Data

verão, dourado

Tamanho

123 x 63 mm

**1. palavras.** Palavras são escassas, são áridas, desertas. **2. varal.** Palavras podem ser postas no varal, penduradas por frágeis prendedores de roupa que, facilmente, deixam despencar vogais e consoantes, vírgulas e pontos. Quando for pendurado o ponto, o varal some. Quando são postas as vírgulas, o varal percorre. Quando são colocadas as palavras, o varal enverga. O que acontece é que o varal é extremamente frágil, podendo voar na primeira brisa que soprar, na primeira gota que tocar. Ele é assim: poucos discursos expostos e pouca voz que impedem que sejam ouvidas, com clareza, as palavras que secam ao sol. **3. textos.** A cena carrega simplicidade: o vapor que se dissipa no ar, a água que pinga, enquanto os textos vão se deformando entre a grama.

Título                    começar, entre vírgulas

---

Data                      no início, dia 01

---

Tamanho                100 x 73 mm

**1. preocupação.** Tudo começa com uma preocupação, que ocupa o pensamento a maior parte do tempo. **2. pesquisar.** Inquieto com a tarefa de pesquisar, o estudante-pesquisador busca algo que o auxilie nesse processo, quer seja um orientador, a internet, alguns livros que ele carrega sem saber muito bem por quê ou algum chá medicinal que, milagrosamente, traga certa calma e que permita que a escrita apareça sozinha no papel. **3. escrita.** Às vezes, quando ela não vem, o estudante-pesquisador fica assim {...} ou assim [...] – afogado em pontuações que intercalam o texto – tentando encontrar algum instrumento que lhe diga o que fazer para não acabar naufragado durante os processos de pesquisa e de estudo. O fato é que nem sempre o estudante-pesquisador sabe o que fazer numa pesquisa.

Título

nota

Data

dia 02, turvo

Tamanho

113 x 18 mm

**1. pilhas.** Uma pilha de nervos e de livros: é assim que geralmente começamos uma pesquisa: com uma pilha de linhas em branco.

livros

nervos

livros

livros

nervos

livros

nervos

nervos

livros

nervos

Título nota de rodapé

---

Data lilás, sem prazo

---

Tamanho 104 x 63 mm

**1. nota de rodapé.** As notas de rodapé – que transbordam os limites definidos do papel, ligando-se a um dentro que o envelope e o dissipa – são, para o estudante-pesquisador, textos do fora, textos que sofrem uma dobra e que podem ocupar um dentro e, por isso, elas não usadas convencionalmente, não são colocadas enumeradas na margem inferior da página, nem nas bordas laterais, mas sim, o estudante-pesquisador as coloca dentro do texto, incorporadas às narrativas, às palavras que ganham o mesmo tamanho, mesmo sendo consideradas menores e que insinuam que há um dentro que também está fora ou um fora que também está dentro.

Título tessituras aracnídeas

---

Data fios coloridos numa manhã de outubro

---

Tamanho 123 x 99 mm

**1. estudo.** Quais são movimentos do estudo? Pernas para o ar, cabelos em pé e uma linha resistente para tecer. Tudo está pronto para o movimento, o que não significa que o movimento chegue pronto para a pesquisa. **2. linhas.** É preciso deixar passar, a linha, o traço, a tessitura. É preciso estudar, ler, escrever, escutar uma música boa, acomodar-se num território movente, organizar as canetas coloridas, colar os *post-its* nas páginas do livro, ficar atento e distraído, colocar-se em uma distração atenta. E voltar-se para tudo isso, vendo, em cada movimento, as linhas que foram tecidas e que formam uma imagem escritural.

**3. imagens. 4. escritas.** Uma imagem inédita que emerge das profundezas do nada e que vem tornar-se nada na superfície. Imagens e escritas indissociáveis, imagens que se tornam escrita e escrita que se torna imagem. **5. olhar.** Entre elas, as tessituras finas, plurais, quase invisíveis – não fosse o olhar ampliado – transformam o próprio olhar aracnídeo para o mundo: uma aranha de oito olhos tateando o mundo com sua cegueira. Este olho cego é como uma entidade viva que guarda, dentro da íris, imagens do mundo que ainda não foram vistas. **6. aracnídeo.** A aranha que chora em seu fio, tece armadilhas mortais aos imprevistos, compondo interstícios no pensamento.





[palavra suspensa]

Título modo de fazer café e  
por que não lemos rótulos

---

Data 6 horas da manhã

---

Tamanho 145 x 93 mm

**1. tempo.** já está escuro e o estudante-pesquisador nem notou a paisagem lá fora se alterando, nem poderá saber quando a escuridão findará. Sem relógios de pulso, de bolso ou de parede, esperar no tempo torna-se imprevisível. Ele se dirige à cozinha, aquele cômodo menor da casa que comporta pequenos compartimentos, como gavetas pequeninas para guardar botões. **2. café.** Ali, ele deixa de lado as modernas cafeteiras-mil-e-uma-utilidades, para encontrar-se com a matéria bruta, os ingredientes para o fazimento do café – bebida escolhida para escrever. Sua preparação exige, inicialmente, buscar o pó que aguarda pela mistura; em seguida, contar o tempo da fervura da água. O vapor que encontra o buraco da saída da chaleira anuncia que já se pode realizar uma curvatura, buscando o gesto justo para depositar a água quente na xícara – pequena e cheia de flores azuis – sem correr o risco de ocasionar em queimadura. **3. pesquisa.** O estudante-pesquisador dá-se conta, naquele instante, que o movimento da água quente em direção ao pó do café é o movimento que ele faz em uma pesquisa: uma aproximação perigosa, permeada pelo cuidado de não se queimar ao chegar perto demais, ao mesmo tempo, de não ficar tão afastado a ponto de não alcançar o pó – lance de corpo. **4. corpo.** Corpo que se desvia do rótulo, porque não quer o mesmo saber, desejando dar ao café a peculiaridade de também ser outro. Sem rótulos.

Título                      deixa pra lá


---

Data                        ansiedade ao entardecer

---

Tamanho                    112 x 30 mm

**1. escrever.** Assim como Bukowski, o primeiro erro do estudante-pesquisador foi acreditar que ele poderia escrever muitas horas por dia, todos os dias. Porém, já está tarde demais e sua mente fica às voltas, fazendo-o lembrar todos os desânimos que provoca o ato e o gesto angustiado de escrever.



insira  
seu texto  
aqui

Título última correspondência

---

Data 07 de dezembro de 2015,  
no seminário Arquivo e Testemunho

---

Tamanho 167 x 141 mm

**1. janela.** O estudante-pesquisador olha para fora da janela, vislumbrando os lençóis no varal que continuavam cobertos por limo, enquanto o sol que veio com a primavera, produzia filhos fortes nas laranjeiras. Diante desta cena, ele também quis florescer. E florescia como seus ouvidos que tocavam um jazz na sala, na medida em que o vapor ia ganhando as cores de sua ausência: vermelho-fogo queimando, até o ponto em que o céu fora encoberta por um limo escritural. **2. música.** Neste momento, nada mais poderia garantir que o estudante-pesquisador não fosse matar a música e, de imediato, um rastro se fez pelo aplauso produzido entre mãos esquálidas e coxas gordas. **3. poesia.** Seu fracasso aplaudido era uma armadilha inarticulada da paixão, de ter gostado de poesia. E o estudante-pesquisador, de fato, gosta de poesia: das métricas manchadas de vinho, das rimas cortadas com gilete. Para ele, a sensação de *poemar* vinha como se estivesse em alto mar, onde, dentro do navio, sua única preocupação era com os personagens que, quando morriam, venciam a morte. **4. morrer.** A dor de morrer vinha como sussurros cruzando a janela, pela qual a escrita adentrava cheia de rasgos. Ali, o estudante-pesquisador se tornava um bêbado, de olhar turvo, vendo o mundo por mil dimensões. **5. fora.** Lá fora, entre a visão, era possível sustentar pedaços de roupas marcadas por um vômito antigo que o sol já evaporou e transformou em chuva ácida, corroendo o texto. Por isso, não julgue as entrelinhas abertas, nem as entranhas queimadas. Nem mesmo, o cheiro que fica no ar. Os fios de palavras que restam na sala são como finas penas de cor cinza pousando no chão ou finas penas vermelhas caminhando em direção ao céu. Sufocado pela fumaça, o estudante-pesquisador arromba a porta para encontrar o jardim e para tornar-se autor de um crime passional. Em fuga, o jazz que ganhava lugar no piano é deixado de lado para serem escutados o trotar dos cavalos que se perdem na floresta, negra, densa, escura da noite, que engole existências. **6. incertezas.** Destituída de linhas, a floresta não constrói lápides, mas, deixa o pescoço do estudante-pesquisador ser envolvido pelas incertezas noturnas. Mesmo assim ele agradece as lufadas de fogo e por ter sido retirado da casa aos pedaços, aonde, à luz de velas, vinha se perguntando qual personagem poderia se tornar: um ermitão fugindo? Um camponês viúvo? Um amante lendo tarô em cabarés? **7. tornar-se.** Poderia se tornar todos e nenhum, poderia se tornar ninguém e passar a ter cheiro de fantasma, fotografando as sombras. Em meio à floresta, o frescor da manhã anunciava mais uma noite possível por uma *escrita desinventada*. O estudante-pesquisador coloca o livro na cabeceira e adormece.

Título

três pontos

Data

depois

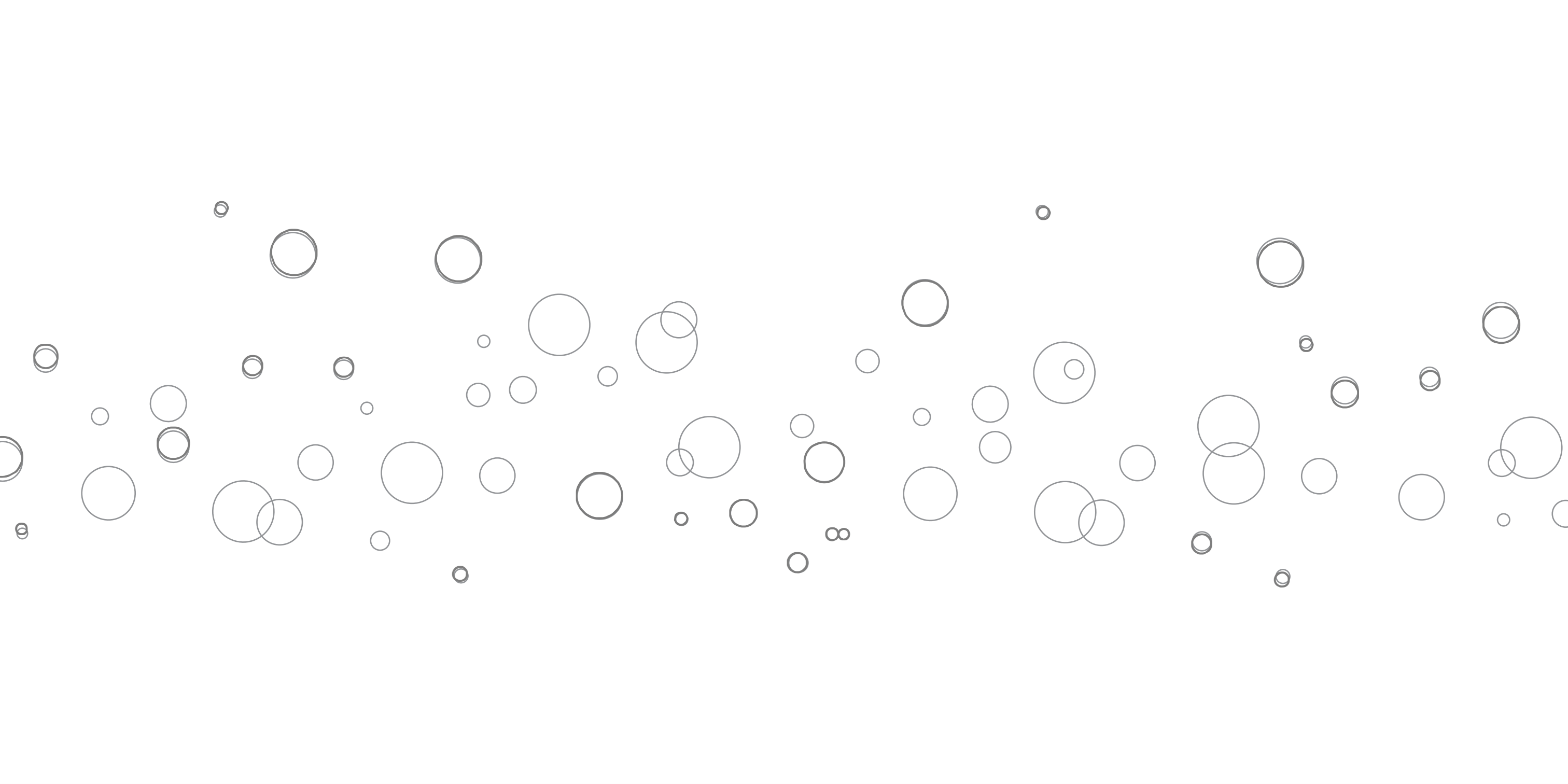
Tamanho

42 x 14 mm



SERIE 040/2017

1. et cetera. Et cetera...



Índice remissivo

**A**

Adivinhar	19
Afetos	55
Agora	25
Amanhecer	61
Amizade	55
Antropófago	11
Apetrechos	59, 61
Aracnídeo	85
Arquivos	71

**B**

Biblioteca	55
Busca	15

**C**

Café	91
Catações	31
Chuva	35
Cinza	47
Coleção	33
Computador	71
Constelações	11
Corpo	39, 41, 43, 91
Criança	51
Cupins	57

**D**

Deserto	19
Deslocamentos	63
Desvios	63
Diário	49
Dores	35
Duração	25, 35

**E**

Escrever, Escrita	21, 61, 79, 85, 93
Escrivaninha	57, 59
Escultor	67
Esquecimento	31
Estudante-pesquisador	11, 45, 57, 69, 73
Estudo	13, 47, 65, 85
Et cetera	97
Experiência	49

**F**

Fantasiar	31
Fantasmas	21
Fora	51, 95
Fracasso	15, 69
Fundo	61

Índice remissivo

**G**

Goteiras	35
----------	----

**I**

Imagens	51, 85
Imaginar	31
Impressão	71
Incertezas	95
Ínfima passagem	15
Instante	13, 25
Interminável	25

**J**

Janela	51, 95
--------	--------

**L**

Lápis afiado	13
Ler, Leitura	37, 49
Linhas	85
Livros	51
Lugar	57

**M**

Madrugada	59
Manchas	23
Mapas	27
Máquina de escrever	59
Marcas acidentais	23
Meio	27
Morrer	95
Movimento	71
Música	95

**N**

Não-saber	37
Navegar	65
Nota de rodapé	83

**O**

Olhar	85
-------	----

## Índice remissivo

### P

Paixão	75
Palavras	77
Papo fiado	13
Pausa	87
Peixe	11
Perguntas	15, 39
Pesquisa, Pesquisar	13, 21, 79, 91
Pilhas	81
Poesia	95
Predador	11
Preocupação	79
Problemas	19

### R

Recomeçar, Recomeço	59, 61
Recursos	67
Restos	13

### S

Sentidos	19
Silêncio	87
Solidão	27, 45
Sombras	47

### T

Tagarelas	13
Tempo	25, 35, 91
Textos	77
Tornar-se	95
Trabalho	35
Travessia	21
Tropeçar	15

### V

Vagar	27
Varal	77
Virgínia Woolf	11